Como Franck Zanu se engana sobre a África e induz seu público ao erro

Eliakim M. Kambale

FF-0002 · v1 · pt · 2026-11-18

Tradução de en v1

https://contributions-ledger.org/freeforms/ff-0002/v1/pt/

Franck Zanu e o argumento problemático a que sempre recorre

Franck Zanu é um comentarista americano nascido no Benim. Ele apresenta o *Zanu Project Rethink*, um canal em que fala sobre o desenvolvimento da África, cultura, colonialismo e questões raciais. Um de seus argumentos recorrentes começa com uma pergunta: como se diz "manutenção" em uma língua africana? Quando os convidados não dão uma resposta que ele aceite, Zanu entende que a língua não tem a palavra, que aquela cultura, portanto, desconhece o conceito e que essa ausência ajuda a explicar os problemas de desenvolvimento da África. Esse raciocínio aparece na conversa com dois estudantes africanos e na entrevista com Nick Freitas. Este texto examina essa sequência de conclusões para mostrar onde o argumento deixa de se sustentar.

Veja Zanu apresentar o argumento: 9:40–11:00

Erro n.º 1: a falácia do apelo à ignorância

Quando Franck pede a um convidado o equivalente de "manutenção" em sua língua, há vários pressupostos entre a resposta e a conclusão. O primeiro é que, se a palavra existe, o convidado necessariamente a conhece. Se não a conhece, então ela não existe. O raciocínio já falha aí. Quando alguém admite não saber uma palavra, sua resposta só estabelece que não a sabe naquele momento. Não estabelece quais palavras a língua contém. É um caso típico de apelo à ignorância, ou *argumentum ad ignorantiam*: aquilo que uma pessoa desconhece passa a servir de prova de que algo não existe.

Há várias explicações possíveis para a resposta do convidado. Talvez ele não domine bem a língua materna. Pode ter estudado em uma língua colonial e aprendido nela a maior parte de seu vocabulário técnico. O termo pode pertencer a uma profissão que nunca exerceu. Ou ele pode simplesmente ter esquecido a palavra. A pergunta de Zanu não distingue essas possibilidades, mas ele trata a resposta como se só permitisse uma conclusão.

Também é possível que a língua, em seu uso atual, não tenha um equivalente exato. Mesmo assim, seu vocabulário de hoje não prova que a palavra nunca existiu. As línguas mudam: palavras surgem, adquirem outros sentidos, caem em desuso e são tomadas de empréstimo a outras línguas. Um termo pode desaparecer à medida que o ofício ou a atividade que o mantinha em circulação perde espaço, sobretudo quando a transmissão de conhecimentos entre gerações é interrompida. Antes de usar uma ausência atual para afirmar o que os falantes alguma vez souberam, seria preciso investigar a história da língua.

A escravidão e o colonialismo oferecem explicações possíveis para perdas desse tipo. Um artesão arrancado de sua comunidade poderia partir sem ter transmitido suas habilidades. Deslocamentos forçados poderiam separar aprendizes de seus mestres, enquanto as mudanças econômicas coloniais e a concorrência de produtos industriais importados poderiam comprometer os meios de vida que sustentavam um ofício. Se a prática entrasse em declínio, também poderiam diminuir as oportunidades de usar e transmitir seu vocabulário especializado. As gerações seguintes poderiam acabar sem o saber e sem as palavras, embora ambos já tivessem feito parte de sua comunidade.

As mudanças na educação poderiam aprofundar essa ruptura. Um ofício aprendido na família ou junto de um mestre depende de contato contínuo entre quem aprende e quem pratica. Onde a escola colonial substituiu ou desvalorizou essas formas de aprendizagem, os conhecimentos que elas carregavam poderiam perder seu caminho até a geração seguinte. As novas escolas talvez não ensinassem nem o ofício local nem seu vocabulário. Em vez disso, poderiam formar alguém capaz de discutir assuntos técnicos com fluência em uma língua europeia, mas com dificuldade para nomeá-los na própria língua. Essa dificuldade poderia refletir a educação recebida e as oportunidades de aprender que a pessoa teve.

A pergunta de Zanu deixa essa história toda de lado. Ele se depara com uma possível ruptura na transmissão e a transforma em prova de que nunca houve nada a transmitir.

Erro n.º 2: o pressuposto do determinismo linguístico

Mesmo que se admita que uma língua não tem uma palavra equivalente a “manutenção”, o passo seguinte continua sem se sustentar. Zanu supõe que a ausência da palavra estabelece a ausência do conceito. Mas palavra e conceito são coisas diferentes. Uma ideia pode ser expressa por uma locução, uma explicação ou vários termos mais específicos. O que o inglês reúne sob “maintenance” pode aparecer em descrições distintas de como conservar ferramentas, cuidar de edifícios ou manter equipamentos funcionando. A falta de um único termo abrangente não demonstraria que essas atividades, ou sua finalidade, são desconhecidas.

Essa dedução depende de uma versão forte do determinismo linguístico: o vocabulário disponível definiria os limites do que as pessoas conseguem compreender. Só que a própria conversa dá motivos para questionar esse pressuposto. Quando um convidado oferece uma expressão como “cuidar de”, ele está tentando descrever a ideia com as palavras que já tem. Zanu

pode perguntar, com razão, se a expressão transmite exatamente o sentido que ele pretende. Rejeitá-la como tradução imprecisa, porém, não prova que o convidado seja incapaz de entender a diferença. Seria necessário examinar o que ele entende de cuidado preventivo, conservação e reparo. Em vez disso, Zanu trata uma questão de tradução como se ela já tivesse resolvido uma questão sobre o pensamento.

Pensemos em *defenestration*, a palavra inglesa para o ato de jogar alguém pela janela. Sua tradução para o mandarim é 把……抛出窗外, que significa literalmente "jogar… para fora da janela". A ação é descrita por várias palavras. Expressões desse tipo também estão documentadas em árabe e hindi, e em tagalo para o verbo *defenestrate*. É possível compreender a ação, descrevê-la ou praticá-la sem precisar de uma palavra exclusiva para isso. Se falantes de mandarim, árabe, hindi e tagalo podem entender a ideia de jogar alguém pela janela por meio de uma expressão, por que falantes africanos precisariam de uma palavra única para entender manutenção?

Erro n.º 3: a generalização precipitada

Mesmo que Zanu tivesse estabelecido que determinada língua não possui nem a palavra nem o conceito, ainda precisaria justificar a extensão dessa conclusão a um continente inteiro. Seus convidados não podem representar todas as línguas, comunidades, profissões e tradições africanas. Trata-se de uma generalização precipitada: a conclusão vai além do alcance das evidências apresentadas. Fazer uma pergunta a algumas pessoas não transforma suas respostas em uma descoberta sobre a África.

Erro n.º 4: a falsa causa

Há também uma inferência causal sem fundamento. Mesmo que se comprovassem tanto a ausência de uma palavra quanto práticas ruins de manutenção, a coexistência das duas coisas não provaria que uma causa a outra. O vocabulário molda a prática? A prática molda o vocabulário? Ou ambos refletem outras circunstâncias? Zanu precisaria de evidências que permitissem distinguir essas possibilidades. Sua pergunta não oferece nenhuma, mas a resposta acaba carregando toda uma explicação sobre o desenvolvimento.

Saber o que é manutenção, dar importância a ela e realizá-la de forma constante são três coisas diferentes. Uma comunidade pode entender a prevenção e, ainda assim, não dispor de dinheiro, equipamentos, profissionais capacitados ou estruturas institucionais para colocá-la em prática de maneira confiável. Nem mesmo uma negligência generalizada provaria que o conceito é desconhecido. Zanu teria de distinguir uma falha de compreensão de uma falha de execução. Sua pergunta de vocabulário não permite fazer essa distinção.

Erro n.º 5: o non sequitur

Mesmo que todas as afirmações anteriores fossem verdadeiras, a conclusão de que a África não pode se desenvolver ainda não decorreria delas. Uma deficiência atual não estabelece uma incapacidade permanente. As pessoas podem adquirir conhecimentos, mudar suas práticas e criar instituições que deem continuidade a essas mudanças. As línguas podem desenvolver o vocabulário necessário para descrevê-las. Saltar de "esse conceito está ausente" para "essas sociedades não podem se desenvolver" é um *non sequitur*, expressão latina que significa "não se segue". Para justificar essa conclusão, Zanu teria de demonstrar por que a suposta deficiência nunca poderia ser superada. Sua pergunta sobre uma palavra não estabelece nada parecido.

O renascimento do hebraico como língua falada mostra como uma língua pode ampliar seu vocabulário para atender a novas necessidades. O processo começou décadas antes da criação de Israel. O hebraico continuara em uso na religião, na literatura e na produção intelectual, mas sua adoção na vida cotidiana exigia palavras para atividades contemporâneas. Professores e comissões de língua recuperaram palavras antigas, deram novos sentidos a termos existentes, criaram palavras e recorreram a empréstimos de outras línguas. Forneceram terminologia para a matemática, a construção, a carpintaria e outras áreas. A falta de vocabulário era uma tarefa a cumprir. Por que uma suposta lacuna em uma língua africana provaria que seus falantes nunca poderiam fazer algo semelhante?

Conclusão

Franck não percebe esses erros, ou os reconhece e continua enganando seu público de propósito? Não sei dizer.

O que você deve aprender com isso? Que alguém que fala com confiança pode dar aparência de coerência a um raciocínio falho. Sua aparente autoridade fornece o *ethos*; a insegurança diante do passado da África e a incerteza sobre seu futuro fornecem o *pathos*; o encadeamento de conclusões fornece a aparência de *logos*.

Atalhos semelhantes transformam a menor presença de mulheres nas prisões em prova de que elas são menos violentas ou mais bondosas, ignorando o dano que podem causar ao humilhar alguém, espalhar fofocas maldosas, fazer acusações deliberadamente falsas ou excluir uma pessoa socialmente. Transformam a violência em um bairro negro em uma afirmação de que pessoas negras têm baixo QI; o sucesso nos esportes, em aptidão genética apenas para o trabalho físico; ou a presença de asiáticos na matemática e na engenharia, em prova de uma superioridade racial inata. Em todos esses casos, a conclusão vai além do que a observação permite estabelecer.

Entender explicações complexas dá trabalho. Quando alguém finalmente faz tudo "fazer sentido", o alívio pode virar motivo para parar de questionar e aceitar a explicação como verdade absoluta. Quando a história parece coerente e confirma o que você já suspeitava, fica fácil não perceber o quanto ainda está por demonstrar.

Referência

Eliakim M. Kambale. (2026-11-18). Como Franck Zanu se engana sobre a África e induz seu público ao erro. Freeforms, FF-0002, Versão 1 (pt). https://contributions-ledger.org/freeforms/ff-0002/v1/pt/